

GAIOLAS E VATICANOS

Avasta rede fluvial do Amazonas oferece tôdas as possibilidades para o transporte que se realiza, na região, por numerosos tipos de embarcações, indígenas ou não, escalonadas desde as primitivas ubás, de casca de pau ou de madeira das árvores até os navios movidos a hélice, de construção inglesa ou holandesa, gaiolas ou vaticanos.

As ubás, de tamanho variável, desconfortáveis, sem quilha, são movidas por meio de varas ou pás e constituem as canoas típicas dos selvícolas.

Delas surgiram a igara, a igara-mirim, a igara-açu, isto é, a canoa, a canoa pequena a canoa grande, e, ainda, a igarité ou "canoa verdadeira", maior que a montaria e menor que a galeota. A montaria e a igarité possuem casco, a parte do fundo, essencial em tôdas as embarcações indígenas do Amazonas e afluentes, excetuadas as ubás.

A montaria teve papel histórico importante no desbravamento da Amazônia. Sua função na colonização da Amazônia foi análoga à do cavaleiro na zona pastoril. Sua missão ainda hoje é a de transportar o caboclo qual equino deslizando sobre as águas dos rios.

Da forma e construção das igarités, destacam-se pela grandeza e pelas toldas de pano, as embarcações empregadas nas grandes navegações e nas primeiras explorações dos rios amazônicos, de que resultou provavelmente a galeota, com a sua tolda corrida e a parte da pópa fechada em volta, onde o regatão mora, durante as suas viagens comerciais pelo interior. Deslocando de duas a quatro toneladas, a galeota é impulsionada por dois remeiros, sentados sob a tolda e utilizando remos de caibros fortes, ajustados para os punhos.

As igarités empregadas na pesca do mar e rio, de bóca aberta, "parecendo as velas, asas de morcego", redondas quase, denominam-se vigilengas, assim chamadas por terem os primeiros modelos saído de Vigia, no Pará. São facilmente reconhecíveis pelo casco negro e pano avermelhado, tingido de mucuri, quase sempre.

Possuindo uma tolda pequena para os cinco tripulantes, na pópa, destacam-se, no Pará, gambarras, que podem transportar até 80 bois, no seu serviço de condução do gado da ilha de Marajó, e também, as grandes balsas dos índios Paumaris, denominadas itapabas, verdadeiras casas flutuantes, com camarim ou casa de palha ao centro, impulsionadas a zingá ou vara.

Todos êsses tipos de embarcações existem na Amazônia, ainda nos dias correntes, apesar da revolução operada nos meios de transporte, a partir de 1866, quando foi o Amazonas aberto à navegação internacional, e nele introduzida a navegação a vapor.

Em nossos dias as embarcações que trafegam nos rios amazônicos, e em geral, nos do Brasil, segundo explica o eng. MOACIR SILVA, são de construção apropriada a essa navegação, sendo algumas de propulsão a roda, de lado, ou de pópa, fundo chato e pequeno calado.

Lembrando o aspecto das barcas que realizam o transporte entre Rio e Niterói as chatas, cuja denominação talvez provenha de seu calado mínimo e de seu casco chato, são navios de roda à pópa, que trafegam no alto Purús, alto Juruá, Acre durante o verão. São embarcações de três pés de calado, no mínimo, e de umas duzentas toneladas de deslocamento, encerrando duas toldas, máquina em cima do convés, tipo de que a SNAPP possui um, pelo menos, com 303 toneladas brutas.

Ao contrário das chatas, que são do tipo inglês, as chatinhas tem apenas 160 toneladas brutas, como as atuais da SNAPP e se destinam também a altos rios, à navegação em trechos de profundidade escassa, onde embarcações de grande porte não podem ser utilizadas. Trazem roda à pópa e pertencem a modelo americano, possuindo a SNAPP (Serviço de Navegação da Amazônia e da Administração do Porto do Pará) nove desses navios fluviais.

Todavia, o mais característico navio da Amazônia é o gaiola, cuja influência na vida amazônica foi estudada pelo escritor RAIMUNDO MORAIS, em "Na Planície Amazônica". Ele explica que "Da elevada superestrutura, desenvolvidas obras mortas, dois, três conveses, camarotes nas amuradas, adveio-lhe o apelido irônico e pitoresco de gaiola".

Pondo em comunicação as cidades, as vilas, os povoados e os balcões situados à margem dos rios, o gaiola tem sido um dos fatores de maior influência política, social e econômica na vida da Amazônia.

Com uma chaminé apenas, os gaiolas são navios geralmente do tipo inglês, de tonelação bruta variável, entre 167 e 600, como sucede com os atuais da SNAPP.

Ha, porém, gaiolas de roda na pópa e nos flancos, de uma e duas hélices, de três a doze pés de calado e de construção outra que não a inglesa.

Nos de dois conveses, situam-se no primeiro, os guinchos, escotilhas, cozinha, rancho, camarotes de oficiais, casa das máquinas, e no segundo, as cabines, o bolinete, a máquina do leme, a copa, o bar, a despensa, as instalações higiênicas, a caixa de fumaça, as mesas de refeição, sendo de dois e quatro beliches, a capacidade de cada camarote.

Mais suntuosos, construídos nos Países-Baixos, movidos por duas hélices, com duas chaminés paralelas, de oito a nove milhas de andadura, iluminados a luz elétrica, os vaticanos, são gaiolões, de 900 a 1.000 toneladas, que oferecem comodidades maiores aos passageiros, em relação a navios menores em que são obrigados a viajar pelos rios da Amazônia, nos trechos fora do alcance dos "palácios flutuantes", cuja impressão à noite, deixada por sua esplêndida iluminação, explica, segundo RAIMUNDO MORAIS, o apelido de vaticano, justificado, ainda, pela idéia de massa e de conforto que êsses navios fluviais do Amazonas dão, no momento.

Na parte inferior dos vaticanos acham-se as mesas e, ao lado, instalações higiênicas, ficando ao fundo, a copa, em seguida um salão, e, lateralmente os camarotes e camarins telados, os quais também existem na frente do navio, deixando, entre si, um salão para música. Na parte superior do vaticano, situa-se a casa de comando e os camarotes da oficialidade, e, à retaguarda, o barbeiro. Em baixo, junto à carga, viajam os passageiros de terceira classe, onde não há camarotes e o desconforto é a regra geral.

Atualmente observa-se a tendência para denominar-se chatões aos vaticanos, dos quais os da SNAPP são de 951 toneladas e fazem o tráfego principal de Belém a Manaus. A gravura, ao lado, representa os dois tipos modernos de navios da Amazônia: o gaiola e o vaticano.

